

1

Caminhos semoventes

Nem tudo o que escrevo resulta numa realização, resulta mais numa tentativa. O que também é um prazer. Pois nem tudo eu quero pegar. Às vezes, quero apenas tocar. Depois, o que eu toco às vezes floresce e os outros podem pegar com as duas mãos.
(Clarice Lispector)

Apropriando-me das palavras de Clarice Lispector posso dizer que a realização deste trabalho foi constituída de rabiscos, esboços e escrituras. Desses, alguns foram tentativas, outros se tornaram componentes dessa elaboração. Tentativas e realização envoltas pelo prazer de investigar algumas faces do contexto atual da formação discente e da relação desta com novas tecnologias, mas especificamente aspectos relacionados ao letramento digital, no espaço acadêmico, do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade do Estado do Pará. Prazer, esse, temperado pela procura do esconderijo das coisas que me interessavam, mesmo porque o contexto nem sempre possibilitou um alcance, no mínimo, satisfatório das informações.

Como caminhos semoventes. Semovente é o que se move. Além de animais, homens, incluem-se aí o estado de subjetivação de indivíduos andarilhos, estrelas cadentes, movimentos de rotação e translação etc. A etimologia da arte legislativa, que designa o termo, não tem acesso à outra etimologia que não seja a reconhecida na norma padrão. O semovente não faz parte deste dicionário informal, nem de nenhum que seja formal porque ele se configura como uma condição indiferente da dialética dos contrários, visto que qualquer destino a um determinado caminho por onde o corpo se desloca, não é previsível.

Assim, desprovido do poder judiciário nos códigos entendíveis da interpretação legislativa do poder, o semovente neste sentido está mais próximo do quarto poder, por criar uma dinâmica autônoma no seu vocabulário, permitindo à fala ser ouvida dentro de uma língua que não a gerou. O significante semovente, como os corpos em movimento, deslizam nas linhas da escrita criando configurações móveis na geografia da página.

Se formarmos uma imagem do percurso interno desta pesquisa, em um estado como o Pará, pensaríamos em caminhos semoventes de espelho líquido,

com suas infinidades de rios, furos e igarapés que margeiam, tangenciam e conformam uma geografia específica, que já autorizou o poeta Raul Bopp a considerá-lo como o de rios que são verdadeiras estradas.

O cenário torna-se assim instâncias de formação, espaços de congregação e diálogo, e também espaços de confronto, de interposição da dúvida, do contraditório e do questionamento que confere substância à problemática inerente às trilhas da pesquisa.

É nesse cenário que intencionei compreender a relação letramento digital e formação discente no Curso de licenciatura em Letras, motivada pelas experiências de minha trajetória como docente, entrelaçadas à percepção das exigências que o momento atual requer em termos de vinculação entre o contexto de ensino e das produções culturais nas quais estão inseridas. Experiências e percepções possibilitaram um olhar mais aguçado sobre questões relativas ao processo de ensino-aprendizagem, nem sempre espelhadas nos desenhos curriculares das licenciaturas.

Tais experiências e percepções aconteceram ao longo de minha trajetória profissional delineada na década de 60, quando optei pelo Curso Colegial Normal – Professor Primário – iniciando, assim, a caminhada pelo campo da docência. Por dez anos exerci a função docente em unidades escolares da rede estadual de ensino, trabalhando com educação geral, característica do nível de ensino da época, correspondente às quatro primeiras séries do Ensino Fundamental da atualidade, até quando, em 1978, conclui a Licenciatura Plena em Letras-Português, pela Universidade Federal do Pará.

A certificação de estudos de nível superior proporcionou-me a oportunidade de inserção na docência de uma área específica, a da linguagem. Foi o momento de colocar em prática, de forma efetiva, os conhecimentos adquiridos durante quatro anos de graduação. Clientela diversificada e níveis de ensino diferentes requeriam uma prática diferente da anterior e, conseqüentemente, um envolvimento maior com questões pertinentes a planejamento, estratégias de ensino, avaliação e, principalmente, domínio dos conteúdos a serem trabalhados.

Na época, limiar da década de 80, em nossa região, era mínima a oferta de cursos de Pós-Graduação. Cursá-los fora de Belém, do Estado, estava fora de cogitação para uma simples funcionária pública, pois envolvia custos altos, tanto em termos financeiros quanto pessoais, os quais só poderiam ser garantidos pelo

interessado, em virtude da inexistência de políticas públicas, em nível do Estado, que subsidiassem os custos da participação em cursos de tal teor. Para se ter uma ideia, na área da educação, a UFPA e a UEPA, a não mais que 10 e 5 anos, respectivamente, conseguiram implantar mestrado em Educação, e somente a primeira, a não menos de 3 anos, um doutorado.

Tal situação, aliada ao fato que o desempenhar de funções administrativas constituiu-se como marca presente na caminhada profissional me impeliram, na década de 80, a cursar outra graduação, desta vez em Pedagogia – Administração. Este curso viabilizou o conhecimento de outra faceta do processo educacional – a gestão, o que, de certa forma, se refletiu na minha prática como docente, pois a complexidade do gerenciamento da promoção e implementação das condições propícias para o desenvolvimento dos atores principais do processo ensino aprendizagem – professor e aluno -, motivou um entendimento mais abrangente a respeito de algumas questões inerentes ao fazer pedagógico e, conseqüentemente, um refletir sobre a prática docente sob novas perspectivas.

Essa reflexão se tornou mais freqüente em virtude de, por vários anos, ter assumido as funções de vice-diretora e diretora de unidades escolares. Durante anos, esse “ir e vir” entre o âmbito administrativo e o docente, conciliando funções diferentes, mas interligadas pelo contexto de inserção, proporcionou, de um lado, as experiências proveitosas e gratificantes, e, de outro, ocasionou uma disponibilidade mínima de tempo que dedicava à participação em eventos científicos e cursos de atualização, fato que ocasionou o surgimento de lacunas em minha formação continuada, as quais se tornaram evidentes no momento em que ingressei no nível superior de ensino.

Em 1994, fui admitida como docente do quadro efetivo da Universidade do Estado do Pará, e logo busquei o preenchimento, em parte, das lacunas acima citadas. Passei a participar de eventos que pudessem concretizar o objetivo traçado, entre estes, cursei na PUC – Minas Gerais, Especialização em Leitura e Produção de Textos, sob uma perspectiva lingüística, mas mesmo chegando à fase final de conclusão dos créditos, por questões financeiras, não obtive a certificação formal.

Tal como no Ensino Fundamental e Médio, durante a vivência no ambiente acadêmico, por dezesseis anos, o exercício da função administrativa esteve sempre presente, entretanto, esta fase da caminhada se tem diferenciado da

anterior, pela intensificação dos estudos bibliográficos, pela participação em atividades extensionistas e em eventos e cursos de atualização, sempre buscando a renovação/ampliação do conhecimento construído, bem como a aquisição de novos conhecimentos.

É óbvio que a experiência profissional, seja no âmbito da docência como no da administração, data de mais de trinta anos, vencendo em disparada a experiência acadêmica, se considerada a questão temporal. Mas posso afirmar que esta última está sendo construída paralelamente à consolidação, no meio acadêmico, da unidade de ensino superior da qual faço parte, haja vista que a implantação da mesma ocorreu no ano de 1994.

No meio acadêmico, tive oportunidade de desempenhar, no âmbito administrativo, funções inerentes aos cargos de chefia do Departamento de Língua e Literatura, Coordenação de Estágio Curricular e Coordenação de dois cursos de graduação: o de Formação de Professores e o de Letras. Como docente, além de ministrar, no espaço acadêmico e fora dele, cursos de atualização, oficinas, mini cursos, estive à frente de desenvolvimento de disciplinas da área da linguagem, bem como na orientação de Trabalhos de Conclusão de Curso.

A Universidade do Estado do Pará, ao firmar um convênio com o Instituto Pedagógico Latino Americano e Caribêno – IPLAC, sediado em Cuba, viabilizou aos docentes integrantes de seu quadro efetivo a oportunidade de cursar o Mestrado em Ciências da Educação – Docência Universitária. Encontrando-me entre os docentes selecionados, desenvolvi o curso e defendi, no ano de 2000, a dissertação sobre o tema “Desenvolvimento de habilidades leitoras em língua materna: uma contribuição pedagógica à formação de professores”, resultante da pesquisa que objetivou a elaboração de uma alternativa pedagógica, que, a partir da ação dos docentes, possibilitasse o desenvolvimento de habilidade leitora em língua materna dos alunos do Curso de Formação de Professores.

A certificação do curso foi convalidada pelo Programa de Mestrado em Educação da Universidade do Estado do Pará (PPGED/CCSE/UEPA), conforme normativa emanada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, em consonância com a legislação em vigor na época.

Entre a defesa da dissertação e a convalidação passaram-se seis anos. A não ‘validade’ do diploma no Brasil, em síntese, impediu a continuidade dos estudos e, conseqüentemente, a obtenção de uma titulação maior. Entretanto, a

maior parte do prejuízo incidiu no impedimento de um debruçar sobre uma pesquisa de maior abrangência, que, com certeza, caracterizar-se-ia pelo desafio do desvendar de realidades ocultas por meio de novos estudos que se converteriam em novos conhecimentos, mesmo porque, no meio acadêmico, se encontra presente o tripé ensino/pesquisa/extensão, patentificado pela forma de desenvolvimento dos elementos curriculares de cada curso da instituição, como também pela existência de uma política de incentivo à iniciação científica direcionada para o alunado e de extensão e pesquisa para os professores.

Ao pleitear uma vaga no DINTER da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, vislumbrei neste Programa de Pós-Graduação em Educação a possibilidade de investir no enriquecimento de minha formação, traçar metas que abrangessem a continuidade de meus estudos, tendo a pesquisa como o caminho mais adequado para a concretização das mesmas, pois, atualmente, além de ensinarmos a fazer pesquisa, pesquisamos para ensinar, e pesquisamos, sobretudo, pela necessidade de produzir estudos que, somados a outros, garantam qualidade à educação, e educação para todos.

Foi o que aconteceu. O meu olhar docente ampliou-se quando vivenciei os momentos finais da pesquisa “Jovens em rede: representação e significação da internet pelo olhar de jovens universitários”¹, e o início da pesquisa “Mestres na WEB”², oportunidades a partir das quais, nas minhas reflexões a respeito da inserção do aluno nesse novo contexto de ensino e aprendizagem, surgiram inúmeros questionamentos, os quais foram por mim condensados na assertiva: a relação dos alunos com os desafios da realidade social.

Com o reconhecimento de que novas tecnologias propiciam, entre outras ações, o aumento exponencial da informação e assim impulsionam o surgimento de outro paradigma educacional e, como conseqüência, mudanças na formação docente frente a esse panorama, se assentou meu interesse em abordar a questão do letramento digital na formação dos discentes. Interesse que se consolidou na hipótese inicial de que essa inserção contribui para uma formação significativa,

¹Pesquisa “Jovens em Rede: campos de representação e significação da Internet pelo olhar de jovens universitários”, desenvolvida no Departamento de Educação da PUC – Rio e apoiada pelo CNPq, coordenada pela Prof. Dr. Maria Aparecida Memede-Neves. Esta pesquisa foi concluída em março de 2008.

²Pesquisa, em andamento, intitulada “Mestres na WEB: representação e significação da Internet por professores de Ensino Médio”, desenvolvida no Departamento de Educação da PUC – Rio e apoiada pelo CNPq, coordenada pela Prof. Dr. Maria Aparecida Memede-Neves.

em consonância com o pensamento científico contemporâneo, e por entender que não basta equipar os espaços acadêmicos com instrumentos tecnológicos de última geração, se não houver um adequado domínio do uso das máquinas, e compreensão de todo um aparato tecnológico, principalmente nos estados do Brasil localizados nas regiões Nordeste e Norte que, por suas características de tamanho e multiculturalidade, proporcionais ao nível de empobrecimento da população, apresentam dificuldade na implementação dessas mudanças, como é o caso do Pará.

Reformas governamentais, programas educacionais, medidas institucionais e pesquisas têm centrado seus esforços no sentido de impulsionar a incorporação das novas tecnologias no cotidiano escolar, com o intuito de obter, gradualmente, o surgimento de mudanças significativas na qualidade trabalho escolar. Entretanto, há ainda muito a “fazer”.

Estas questões têm suscitado, no espaço acadêmico, o interesse pela discussão sobre o uso dessas tecnologias no processo ensino-aprendizagem, tanto que nos programas governamentais, bem como nos programas acadêmicos de pesquisa, a temática “Educação e Tecnologia” tem sido abordada nos mais diferentes enfoques.

Para situar e avaliar a abordagem da mesma, realizei o mapeamento do que foi produzido entre 2002 e 2007 em termos de dissertações e teses inscritas no portal da CAPES, o qual permitiu encontrar trabalhos com temas pertinentes às minhas questões, tanto à objetivação das tecnologias e de sua inserção no meio educacional quanto à apropriação das inovações tecnológicas pelos professores e alunos e os espaços e tempos envolvidos. Dentre todo o material coletado, privilegiei 27 documentos, que denominei de recorte, pois no mapeamento sobre a área específica de saber – educação e tecnologia – enfrentei dificuldades, principalmente, em termos de sua delimitação.

Percebi que, mesmo com a existência de muitas pesquisas sobre a formação de professores, muito ainda precisa ser investigado, principalmente, depois da forte associação entre educação e tecnologia, que suscita o entrelaçamento da formação pedagógica com a formação tecnológica, associação essa que demonstra a sua viabilidade nos trabalhos concluídos sobre a temática.

Entre as pesquisas analisadas, destaquei sete teses que, embora por caminhos diferentes, focalizaram a inserção dos professores no mundo digital:

Abreu (2003), Corrêa (2005), Lopes (2005), Teixeira (2005), Ifa (2006), Bergman (2006) e Fischer (2007). Esses trabalhos se articulam com o foco de meu estudo, na medida em que, investigaram e elucidaram aspectos pertinentes à temática por mim escolhida, ou seja, o letramento digital e sua relação com a formação dos futuros docentes.

Abreu³, reconhecendo a existência de pressões para a aplicação da Internet no cotidiano pedagógico e o papel do professor diante do cenário tecnológico, investigou os problemas pessoais e profissionais enfrentados por esses profissionais no ambiente escolar, mas especificamente, o de escolas particulares do Rio de Janeiro, tendo como pano de fundo as questões de conflitos e tensões oriundas da inserção da tecnologia na escola.

Os resultados desse estudo apontam o uso da Internet como um processo irreversível de penetração social e educacional e indicam que as mais significativas pressões emergem da sala de aula. A panorâmica traçada pela pesquisadora caracteriza a sala de aula como um espaço de conflito, no qual coexistem duas realidades marcadas pela inversão da hierarquia do saber e pelos novos comportamentos dos alunos, os quais impulsionam os professores a buscarem novos saberes que possibilitem uma renovação do fazer pedagógico e a construção de uma nova postura enquanto professores.

Para Correa⁴, a inclusão digital é um problema de políticas públicas, haja vista que no atual contexto social, o acesso às inovações tecnológicas não é garantido a todos, tanto que o uso educativo e formativo das mesmas se encontra reservado a uns poucos setores sociais, o que prenuncia o surgimento da exclusão digital. Inserida neste contexto, a pesquisadora ao iniciar seu trabalho, tinha por hipótese o fato de que as dificuldades apresentadas pelos egressos do Curso Normal Superior Veredas na utilização da informática estavam relacionadas com uma formação insuficiente. Considerando que, independentemente do contexto de inserção, todos, em específico os professores em relação ao processo educativo, precisam se posicionar quanto ao advento das novas tecnologias, pois os desafios cotidianos apenas retratam as dificuldades vividas no contexto mais amplo de nossa sociedade, acompanhou as situações de uso da informática nos contextos de

³ Ver apêndice 8 – Síntese da Tese de Doutorado “A internet na prática docente: novos desafios e conflitos para os educadores”.

⁴ Ver apêndice 9 – Síntese da Tese de Doutorado “Do laboratório de informática às páginas web: ambientes virtuais e contextos escolares”.

formação e de trabalho dos egressos, no momento atuando como professoras das séries iniciais do ensino fundamental, com o objetivo de identificar as dificuldades de utilização da informática e as origens dessas dificuldades.

Os resultados obtidos demonstraram que os não possuidores de equipamento se defrontam com dificuldades associadas à falta do equipamento e de informação, à articulação com a prática pedagógica, às condições do contexto e ao uso idealizado do computador e que os possuidores apresentam as mesmas associações de dificuldades, com exceção da falta de equipamento e começam a vivenciar dificuldades relativas ao tipo de uso do equipamento. Os resultados indicaram também, que a formação tecnológica não é concebida como uma mediação pedagógica nos espaços de formação e de atuação, à semelhança do que ocorre nos contextos escolares; que os espaços de formação não consideram o saber prévio das professoras, que também negam esse saber em relação à utilização das tecnologias educacionais. Para ela, tudo isso indicou uma inconsistência em sua hipótese inicial, pois as origens das dificuldades encontram suporte na formação inadequada do professor.

Já Lopes⁵, focalizando o ambiente da graduação de uma universidade particular, pesquisou a formação tecnológica de professores e multiplicadores em ambiente digital. Considerando a formação tecnológica como um processo contínuo, com potencial ilimitado de expansão e entendimento, o seu trabalho aponta novas perspectivas para professores-pesquisadores interessados em compreender a formação de professores, quer seja inicial ou continuada, porque além de focalizar uma das configurações dessa formação, utilizou a abordagem hermenêutico-fenomenológica, perspectiva metodológica ainda pouco difundida em Linguística Aplicada, a qual por meio da descrição e interpretação de um fenômeno busca responder aos questionamentos formulados.

Os resultados obtidos sobre as representações que professores e multiplicadores têm sobre o uso do computador no ensino e sobre a natureza da formação proporcionada indicam mudanças nas representações, que antes, influenciadas pelo senso comum, passam a ter base crítica e teórica; que o fenômeno estudado apresenta aos professores e multiplicadores uma série de inter-relações consigo mesmo, com a tecnologia, com a sociedade digital, com

⁵ Ver apêndice 10 – Síntese da Tese de Doutorado “Formação tecnológica de professores e multiplicadores em ambiente digital”.

alunos e metodologias; de confrontos de caráter presencial e digital e de mudanças que vão do presencial ao digital.

Teixeira⁶, reconhecendo o potencial das tecnologias de rede e a urgência de uma ampliação político-conceitual dos processos de inclusão digital, com base na criação de uma cultura de rede, analisa as possíveis contribuições para a inclusão digital, advinda de uma formação docente com base na lógica das redes.

Assim, se debruça sobre a análise de um projeto de Emersão Tecnológica de Professores, realizado junto a um grupo de alunos dos cursos de licenciatura da Universidade de Passo Fundo, no ano de 2003.

Focalizando a ambientação de um semestre da disciplina Prática de Ensino de Inglês, oferecida no 4º ano do Curso de Letras de uma universidade da rede privada da cidade de São Paulo, Ifa⁷ pesquisou os papéis dos atores do processo educativo e das tecnologias na formação do futuro docente. Considerando a importância de uma formação crítico reflexiva, cuja tônica seja a geração de conhecimento por meio da construção compartilhada em um contexto em que prática e teoria sejam valorizadas, tal como Lopes, utilizou como perspectiva metodológica, a abordagem hermenêutico-fenomenológica.

Segundo os resultados obtidos, as representações iniciais sobre tecnologia e seu uso são influenciadas pelo senso comum, mas ao final do estudo, passaram a ser informadas e embasadas teoricamente e o fenômeno estudado apresenta uma estrutura com destaque para a busca, conscientização e desafios pessoais, sociais e profissionais.

Ao descrever e analisar os cursos de formação para professores que atuavam como mediadores nos laboratórios de informática das escolas públicas estaduais do Estado do Espírito Santo, Bergman⁸ cartografou os espaços de inclusão digital, identificando o perfil, a atuação dos professores participantes da pesquisa, bem como os sentidos que os mesmos atribuem ao uso das tecnologias na escola. Avança em seu estudo quando busca compreender a subjetividade presente no entrelaçamento da educação com as tecnologias, a partir dos discursos dos professores sobre suas experiências e seus saberes teóricos e práticos.

⁶ Ver apêndice 11 – Síntese da Tese de Doutorado “Formação docente enquanto experiência de inclusão digital: análise do processo vivenciado no projeto de emersão tecnológica de professores.

⁷ Ver apêndice 12 – Síntese da Tese de Doutorado “A formação pré-serviço de professores de língua inglesa em uma sociedade em processo de digitalização”.

⁸ Ver apêndice 13 – Síntese da Tese de Doutorado “Escola e inclusão digital: desafios na formação de redes de saberes e fazeres”.

Bergman, em suas conclusões, destaca o fato de que a expansão da cultura digital implica no crescimento humano, no que concerne a ampliação de conceitos, transformação e socialização de conhecimentos, com vista ao alcance de uma sociedade mais solidária e democrática.

Fischer⁹, a partir de um curso on-line, por ela elaborado, investigou o letramento digital via Internet na construção do conhecimento tecnológico e pedagógico do professor de inglês em serviço considerando a inserção do computador na sala de aula. O curso objetivava a discussão de aspectos teóricos da inserção do computador no fazer pedagógico além da capacitação dos professores no manuseio dos programas Word, Paint e PowerPoint e sua utilização como recursos pedagógicos na sala de aula.

Com esse estudo de caso, os resultados indicaram que o curso proporcionou o letramento digital dos participantes tanto em termos de Internet e programas, como em relação à aplicação pedagógica dos recursos computacionais e, conseqüentemente, a familiarização construída abriu portas para a busca da inovação no processo ensino aprendizagem, e para mudança do paradigma educacional em que os participantes estejam inseridos.

Com abordagem hermenêutico-fenomenológica por dois pesquisadores e com abordagem qualitativa pelos demais, neles, a formação de professores se apresenta nas configurações de inicial e continuada desenvolvidas na modalidade presencial, como formação e capacitação. As práticas evidenciadas demonstram as tecnologias na condição de ferramentas ou instrumentos, com a perspectiva de redimensionamento, seja, nos espaços escolares ou em propostas de virtualização dos processos de formação, com o privilégio da aprendizagem por meios eletrônicos.

Os trabalhos distinguidos discutem a inserção das tecnologias no processo de ensino-aprendizagem como um todo e buscam identificar os sentidos atribuídos à presença das tecnologias no ambiente escolar, discorrendo, direta ou indiretamente, sobre as possibilidades e limitações das mesmas quando agregadas às práticas pedagógicas. Mesmo focalizando contextos diferentes, apresentam resultados semelhantes, no que tange ao entendimento dessa inserção e seu impacto na formação e prática docente.

⁹ Ver apêndice 14 – Síntese da Tese de Doutorado “Formação tecnológica e o professor de inglês: explorando níveis de letramento digital”.

O conteúdo das teses, compreendido pelas questões nelas encaminhadas, circunscreve o discurso pedagógico referente ao “da e na” da inserção das tecnologias na formação dos professores. Na superfície lingüística, as escolhas lexicais – da e na - materializam a configuração dos estudos realizados, ou seja, marcam, ao mesmo tempo, a distância e tentativas de aproximação entre tecnologia e educação e a objetivação da tecnologia em contexto específico.

As dissertações de mestrado (20) analisadas não fogem a essa regra, haja vista que, com abordagens qualitativa, quantitativa ou mista, tentam responder a questões relativas à utilização dessas tecnologias no fazer pedagógico (5)¹⁰, às potencialidades e contribuições advindas de sua inserção na formação docente, seja ela inicial ou continuada (11)¹¹, possibilidades de promoção da inclusão digital (1)¹² bem como as representações construídas por alunos e professores sobre as mesmas (3)¹³.

Os resultados desses trabalhos delineiam o reconhecimento dos integrantes do espaço escolar e acadêmico em relação ao grande potencial das tecnologias tanto no ensino quanto na aprendizagem dos conhecimentos e, ao mesmo tempo, evidenciam os impactos, as dificuldades no uso das mesmas.

O contexto maior das pesquisas (mestrado e doutorado) configurou-se pelo entrelaçamento da educação e tecnologias, que requereu dos pesquisadores a busca de aportes teóricos nos autores que vêm discutindo teorias críticas sobre a tecnologia e sociedade, letramento digital e modelos de formação de professores, tais como, dentre outros, esses trabalhos se apóiam em Lévy (1996/1998), Ramal (2002), Soares (1998), Pretto (1996/2001), Tardif (2007/1991), Coscarelli (2007) e Kleiman (1995).

Nas discussões e debates sobre as tecnologias disponíveis no mercado e a inserção destas no contexto educacional, termos como alfabetizar, letrar, letramento digital e inclusão digital, entre outros, estão na pauta das preocupações dos educadores. Para a compreensão dos significados veiculados por meio de conceitos, recorreremos a alguns autores como Soares (2002), Lévy (1999), Kleiman (1995), Xavier (2005), entre outros.

¹⁰ Ver apêndice 15 – Síntese de dissertações.

¹¹ Ver apêndice 16 – Síntese de dissertações.

¹² Ver apêndice 17 – Síntese de dissertações.

¹³ Ver apêndice 18 – Síntese de dissertações.

Da literatura sobre a temática, nas últimas décadas, o conceito de alfabetização deve ser analisado considerando tempo e lugar no qual foi e é produzido e nos contextos histórico, econômico, cultural e social dos quais submergem. Contextos estes caracterizados pela negação do acesso à maioria da população a bens materiais e imateriais, não seria diferente com a tecnologia, tal como a conhecemos atualmente, tanto que, alfabetizar estava associado às competências lecto-escritoras do indivíduo, compreendido como sinônimo de aprendizado do sistema escrito da língua. Assim, era comum dizer, no caso de alguém conseguir ler um texto, que isto ocorria porque a pessoa era alfabetizada, dominava um código lingüístico, era portadora das habilidades de ler e escrever.

Entretanto, em uma sociedade na qual a comunicação e a informação fluem de maneira célere, essa compreensão foi ampliada para atender as demandas sociais, no que tange à reconstrução do pensar, agir e fazer dos indivíduos diante da interpretação e compreensão do mundo. Atualmente, já não basta a apropriação do sistema de escrita, pois o contexto que rodeia os indivíduos se configura por grandes transformações culturais, sociais, políticas, econômicas e tecnológicas, fato que demanda a necessidade do uso e do envolvimento deles nas mais variadas atividades de leitura e escrita circunscritas nas práticas sociais. É com essa necessidade que surge a ampliação do sentido do que se concebia por alfabetização e, conseqüentemente, o letramento.

Nessa perspectiva, o alfabetizado é aquele que sabe ler e escrever e o letrado aquele que além de domínio do código, responde adequadamente às demandas sociais da leitura e da escrita. Assim, letramento ultrapassa os limites da alfabetização, pois as práticas de leitura e de escrita são realizadas em um contexto no qual elas tenham sentido e façam parte da vida dos indivíduos.

Tais assertivas foram construídas com base na afirmação de Soares (2002, p.145) de que “letramento é o estado ou condição do indivíduo ou de grupos sociais de sociedades letradas que exercem efetivamente as práticas sociais de leitura e escrita, participam competentemente de eventos de letramento”.

Para Kleiman (1995, p.19), o letramento é definido como “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”. Tal como Soares, a autora atrela o conceito de letramento às práticas socioculturais, haja vista que, para ambas, o indivíduo alfabetizado seria aquele que não ultrapassou os limites da

decodificação, ou seja, aquele que ainda não se apropriou completamente das habilidades de leitura e escrita, para, assim, exercer plenamente sua cidadania, como partícipe da construção dos rumos da comunidade a que pertence.

Os conceitos de alfabetização e letramento, na verdade, são processos que se imbricam e não podem ser separados, pois a inserção do indivíduo no universo da escrita ocorre, de forma concomitante, por meio deles, ou seja, de um lado temos a aprendizagem do código e de outro, a habilidade de usá-lo.

O crescente aumento da utilização das novas ferramentas tecnológicas na vida social exige dos cidadãos a aprendizagem de comportamentos e raciocínios específicos, em face de um novo tipo de letramento – o digital. Esse tipo de letramento difere do letramento ‘tradicional’, pelo fato de que conduz “as práticas de leitura e da escrita digitais, na cibercultura, de modo diferente daquele como são conduzidas as práticas de leitura e de escrita quirográficas e topográficas” (Soares, 2002, p.146).

Xavier (2005, p.5), refletindo sobre o desafio pedagógico de educadores e lingüistas em letrar digitalmente uma geração de aprendizes vivenciadores dos avanços tecnológicos, afirma que o letramento digital se realiza pelo uso intenso das novas tecnologias de informação e comunicação e pela aquisição e domínio dos vários gêneros digitais.

Lévy (1999, p.17) designa cibercultura como um “conjunto de técnicas materiais e intelectuais, de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e valores que se desenvolve juntamente com o crescimento do ciberespaço, como sendo um novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores”.

Se antes falávamos em analfabeto, considerando o não domínio do sistema alfabético, em iletrado, ressaltando a ausência do domínio de habilidade em utilizar o código escrito, atualmente nomeamos de analfabeto digital aquele que ainda realiza as práticas de leitura e escrita de forma ‘tradicional’.

A associação da noção de letramento com a de tecnologia nos permite chegar ao letramento digital, passando por letramento ‘puro e simples’ e o contraponto entre alfabetização – letramento – letramento digital, com a tecnologia atual.

Ser letrado digital implica em entender o funcionamento dos sistemas de navegação, descobrir os caminhos virtuais por onde trafegam as informações, a

fim de transformá-las em conhecimento. É preciso, entretanto, considerar o fato de que a apropriação do letramento digital está condicionada ao letramento alfabético, ou seja, sem o domínio do código escrito (no caso dos ouvintes) e da língua de sinais (no caso dos surdos) não pode ocorrer a inserção no mundo virtual, caso seja considerado o atual sistema utilizado.

Para compreender o conceito de inclusão digital, é necessário mencionar o que é um processo que se insere em um movimento maior – a inclusão social. A inclusão social é vista como um processo no qual as pessoas passam a participar dos usos e costumes de um determinado grupo, usufruindo dos direitos e deveres pertinentes ao grupo. Nessa linha de pensamento, a inclusão digital é a democratização do acesso às tecnologias da informação, de forma a permitir a inserção de todos na sociedade da informação. Essa inclusão possibilita que os indivíduos tenham oportunidades de aprender a usar novas tecnologias para acessar toda e qualquer informação necessária para sua vida em sociedade.

O analfabetismo digital constitui-se em um impasse para a implementação das novas tecnologias de comunicação e informação na área educacional, sendo, portanto, a educação um grande e importante parceiro da inclusão digital, devendo esta ser componente do processo de ensino, e estar integrada aos conteúdos curriculares de todos os níveis deste.

É impossível deixar de reconhecer a existência de iniciativas em prol da disseminação da inclusão digital no território brasileiro, mas, nem sempre o pensado e o planejado são concretizados.

Piraí (RJ), após se tornar uma das primeiras cidades do Brasil a oferecer, nas escolas municipais, um computador por aluno e de implementar acesso gratuito à internet em locais públicos, ganhou o apelido de “Cidade Digital”. Mas, mesmo com web gratuita em locais públicos, ainda sofre com a escassez de acesso via banda larga, principalmente nas residências, cujo índice de acesso é tão baixo que faz o IPEA considerar cidade ‘desconectada’¹⁴. A cidade enfrenta problemas comuns a boa parte das cidades do interior do País, como o município de Marituba, na região metropolitana de Belém (PA), também denominada ‘Cidade

¹⁴Pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), que coloca a cidade de 26 mil habitantes entre as nove consideradas “desconectadas” do estado do Rio de Janeiro. A razão é exatamente essa: não ter uma ampla oferta de web banda larga para usuários residenciais.

Digital’, que possui apenas um cyber, cuja dona do imóvel que o aluga ao estado sequer sabe o que lá funciona¹⁵.

Resultados da privatização do Sistema Telebrás são um misto de êxitos e fracassos que se refletem na estrutura bastante desenvolvida (porém mal distribuída) de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) no Brasil. Por aí começa a análise realizada pela Rede de Informações para o Terceiro Setor (RITS) para o relatório Global Information Society Watch 2007 – uma visão sobre as atuais condições no campo das TICs e seu impacto na vida das pessoas que vivem nos países em desenvolvimento. O estudo verifica que não falta boa vontade, mas políticas consistentes para a inclusão digital no País.

Esse panorama não é diferente quando nos voltamos para o contexto tecnológico do Estado do Pará. Segundo as estatísticas do Instituto Brasileiro e Informação em Ciência e Tecnologia¹⁶- IBICT, o estado do Pará possui 628 Pontos de Inclusão Digitais – PIDs, quantitativo indicador de que a caminhada para o alcance de uma maior inclusão digital ainda está em seus primeiros passos, mesmo com iniciativas do governo federal e estadual, ONGs, fundações, empresas, todos com objetivos que convergem para uma só direção – promover aos cidadãos o acesso à informação, contribuindo assim para o fomento da inclusão digital, do exercício de cidadania, da produção cultural e do lazer.

Em nível estadual destaca-se a implantação em 2002 do Projeto “Cidadão Pará”, pela Empresa de Processamento de Dados do Pará (PRODEPA), com o objetivo de promover a assistência social à comunidade e ao trabalhador ribeirinho. Para o desenvolvimento do projeto é utilizado um barco regional amazônico com cerca de 32m², dotado de equipamentos e acessórios que possibilitam o acesso à Internet. O “barco cidadão”, como é denominado, oferece, além de diversas ações de proteção social, treinamentos de informática, já tendo capacitado cerca de 3 mil pessoas na área de informática e 500 professores das redes de ensino municipal e estadual.

O Governo do Estado, por meio da Secretaria de Desenvolvimento, Ciência e Tecnologia (SEDECT), Empresa de Processamento de Dados do Estado

¹⁵ Cf. Artigo publicado no **Liberal**, Caderno Atualidades, de 13/05/2009, jornal impresso de maior circulação no estado do Pará.

¹⁶ Setor vinculado ao Ministério de Ciência e Tecnologia, responsável pela “coleta, sistematização e disseminação de informações sobre iniciativas de inclusão digital no Brasil e seus respectivos Pontos de Inclusão Digital (PIDs).

do Pará (PRODEPA) e Fundação de Amparo e Pesquisa do Estado do Pará (FAPESPA) e, em parceria com as Centrais Elétricas do Norte do Brasil (Eletronorte) e a Rede Metrobel implantou, em 2007, o programa NAVEGA PARÁ, que transforma fibra óptica em serviços públicos disponíveis no sistema de transmissão de energia da Eletronorte, com sinais de rádio, para chegar ao usuário final. É uma rede de comunicação digital pública que conta com cinco projetos, a saber: Metrobel, Infovias, Cidades Digitais, Infocentros e Telecentros de Negócios, todos com o objetivo de interligar, por internet de alta velocidade, unidades gestoras do governo, escolas, instituições públicas de pesquisa e espaços públicos de acesso geral da população paraense.

O NAVEGA PARÁ possibilitou um avanço no acesso à internet, e, conseqüentemente, na democratização da informação, pois segundo dados circulantes na mídia sobre o assunto, esse acesso “ainda é rarefeito nos estados do Norte do Brasil, tanto que menos de 3% da população dessa região estão conectadas”¹⁷.

O Estado do Pará possui 143 municípios e o projeto se propõe a levar a internet em alta velocidade para comunidades carentes em 56 desses municípios até 2010. Em uma primeira etapa, a banda larga chegou em 15 cidades (Abaetetuba, Altamira, Barcarena, Belém, Itatituba, Jacundá, Marabá, Marituba, Pacajá, Rurópolis, Santa Maria do Pará, Santarém, Tailândia, Tucuruí e Uruará), as quais se tornaram as Cidades Digitais, foram criados os infocentros (espaços públicos de acesso à internet) e os pontos de acesso livre (orlas e praças). Entretanto, mesmo nessas ilhas de tecnologia, o acesso a um computador, ainda não é uma realidade comum, bem como a palavra internet ainda soa sem muito significado, pois o alto custo do equipamento em relação às condições econômicas da região se constitui em um grande entrave para uma real inclusão digital.

Em busca do entendimento mais apurado dos questionamentos que nortearam esta pesquisa e outros que surgiram ao longo desse estudo, estabelecemos como objetivo geral a análise da relação entre o letramento digital e a formação de discentes do Curso de Letras da UEPA.

¹⁷ Cf. Jornal **O Liberal**, Caderno Atualidades, p. 9, de 26/ 07/ 2009, impresso de maior circulação no estado do Pará.

Em um primeiro momento, para o alcance do mesmo, traçamos objetivos específicos que inseriam, além desses, os formadores dos discentes. Em atendimento à recomendação da Banca Examinadora da Quali II, optamos por um recorte que inclui somente os discentes, posto que aquelas considerações requeriram inserção de mais sujeitos de pesquisa, no caso os docentes, o que demandaria um volume de dados considerável, o que seria inviável, face à exigüidade de tempo para o desenvolvimento da investigação e das dimensões quantiquantitativas. Assim, definimos os seguintes objetivos específicos:

- analisar os Projetos Políticos Pedagógicos dos cursos de licenciatura da UEPA;
- identificar as opiniões dos alunos do Curso de Letras da UEPA sobre o letramento digital em sua formação;
- configurar o perfil dos discentes quanto ao letramento digital.

Para melhor compreender a ‘revolução’ ocasionada pela inserção das tecnologias no meio social e educacional, a formação pedagógica de professores como também, a questão da representação social optei como aporte teórico as idéias postas nas obras de Pretto (2006), Tardif (2000 e 2007), Moscovici (2007) e Jodelet (2001). Tal arcabouço teórico metodológico e os conceitos norteadores sobre o tema da Tese não são ingredientes de uma receita de prescrição determinada previamente, mas se integram à discussão de cada capítulo, à medida que se esboçam.

Com a proposição de apresentar o desenvolvimento da pesquisa, o trabalho está estruturado em 4 capítulos. O primeiro capítulo configura-se nesta Introdução, que, entre outras funções procura situar o leitor no contexto do estudo sobre o Tema.

O segundo capítulo aborda a trajetória metodológica trilhada e o cenário desta; instrumentos de produção de dados e perfil dos pesquisados.

O terceiro capítulo apresenta informes sobre o ensino superior no Estado do Pará e dados pertinentes à Universidade do Estado do Pará e o relato do histórico e proposta curricular do Curso de Letras.

Os resultados da produção de dados, pela análise dos documentos oficiais da instituição em estudo e aplicação do instrumento questionário, expostos em escritura e tabelas, compõem o quarto capítulo. Ele apresenta uma breve análise

dos Projetos Políticos Pedagógicos dos cursos de licenciatura da UEPA considerando a inserção do letramento digital em suas matrizes curriculares e, em específico, buscando indícios das tecnologias digitais na formação dos discentes do Curso de Letras; análise dos dados produzidos, a partir da qual nos aventuramos a uma configuração daquelas que inferimos serem as representações construídas pelos discentes sobre computador e internet, em contraponto ao livro e à televisão. É neste capítulo que também procuramos entender como duas universidades distantes, com realidades diferentes, contexto diferente, terem algumas aproximações. Seguem-se a este algumas conclusões, as referências, apêndices e anexos.

Ao chegar aqui, lembro dos versos da canção de Ivan Lins “Daquilo que eu sei, nem tudo me deu clareza, nem foi permitido, nem tudo me deu certeza...”, isso para não me permitir esquecer que ainda há muito a se pesquisar, mas levo comigo a certeza de haver permutado conhecimento com professores titulados, competentes e compromissados que compõem o quadro docente da PUC-Rio, pois uma instituição de ensino é mais que prédios, pois, tem, principalmente, uma história de anos de trabalho na área educacional.

E a história tem vida, e na educação a Vida se perpetua por meio de nossos alunos que, a cada dia, escrevem mais uma página desta história...e como semovente sigo neste Estado, cuja universidade deve ser propositiva, em especial na formação, mas em primeiro lugar, na busca da compreensão das representações que fazemos dos outros e de nós mesmos.